

NAZIAZENO BARBOSA: UM HOMEM NO BRASIL DOS ANOS 1930

NAZIAZENO BARBOSA: A MAN OF THE 1930'S IN BRAZIL

REJANE VECCHIA ROCHA E SILVA*

TATIANE REGHINI DE MATTOS**

Resumo: Este artigo busca analisar a constituição de Naziazeno Barbosa, o protagonista de *Os ratos*, romance escrito por Dyonélio Machado, atentando para as relações entre a estruturação do romance e o contexto histórico, social e político em que foi produzido.

Palavras-chave: literatura, Brasil, Dyonélio Machado

Abstract: The article's purpose is to analyze the constitution of Naziazeno Barbosa, the protagonist of *Os ratos*, a novel written by Dyonélio Machado, while also investigating the relationship between the structure of the novel and the social, historic and political context in which it was produced.

Keywords: literature, Brazil, Dyonélio Machado

* Professora do Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo (FFLCH-USP).

** Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Estudos Comparados de Literaturas de Língua Portuguesa do Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo (FFLCH-USP).

Escreto em vinte dias, durante noites de dezembro de 1934¹, *Os ratos*, de Dyonélio Machado (1895-1985), apresenta a narrativa de vinte e quatro horas da vida de Naziazeno Barbosa na caçada dos 53 mil réis que deve ao leiteiro. Casado, com um filho pequeno recém-curado de uma doença grave, Naziazeno é apresentado, no primeiro parágrafo do romance, da maneira que lhe será peculiar ao longo de toda a narrativa: como um homem acuado.

Os bem vizinhos de Naziazeno Barbosa assistem ao “pega” com o leiteiro. Por detrás das cercas, mudos, com a mulher e um que outro filho espantado já de pé àquela hora, ouvem. Todos aqueles quintais conhecidos têm o mesmo silêncio. Noutras ocasiões, quando era apenas a “briga” com a mulher, esta, como último desaforo de vítima, dizia-lhe: “Olha, que os vizinhos estão ouvindo”. Depois, à hora da saída, eram aquelas caras curiosas às janelas, com os olhos fitos nele, enquanto ele cumprimentava. (MACHADO, 2010, p. 5)

Há uma dinâmica persecutória apresentada nesse movimento inaugural do romance, cuja resultante é sempre o acramento e que estará presente em toda a narrativa, apresentando dois alicerces: o tempo (24 horas) e o dinheiro (53 mil réis). Nessa manhã, o leiteiro determina a Naziazeno Barbosa o prazo de 24 horas para o pagamento da dívida: “Lhe dou mais um dia”. Esse tempo, assim estipulado, passa a correr a partir da saída do leiteiro de cena e também orquestrará a vigília – e a perseguição constante – das ações do protagonista do enredo. No entanto, à dimensão temporal das vinte quatro horas acopla-se o elemento dinheiro. Vinculados assim, tempo e dinheiro serão balizadores da ação da personagem, mas, na contramão da demanda industrial vigente no início do século XX, que tensionava o tempo (às formas de trabalho) visando o lucro, o que se verá como resultado dessa tensão sobre o homem é contínuo prejuízo.

¹ “*Os ratos* foi escrito em dezembro de 1934. Nas noites de dezembro, porque ele ia concorrer ao Prêmio Machado de Assis e o trabalho deveria ser entregue até 31 de dezembro. Eu tinha este prazo.” (MACHADO, 1995, p. 23).

O romance de Dyonélio Machado inscreve-se na esfera do romance de cunho social ou romance social, segundo o próprio autor². Com uma forte preocupação ideológica, esse tipo de produção romanesca emerge na literatura brasileira da década de 1930. Os novos caminhos da história do país, inaugurados com a grande crise mundial do capital de 1929 (que, aqui, corroborou o fim da República Velha), encontram reflexão na literatura³, que passa a ter uma preocupação latente com as questões sociais.

É fato que ocorre aí [nos anos 1930] uma radical mudança nos rumos do modernismo: a primazia concedida, nos 20, às experiências estéticas cede lugar a uma forte atenção ao social, ao político e ao ideológico. Trata-se de um fenômeno de âmbito internacional, ligado à crise do capitalismo e à ascensão de grandes movimentos de massas. (LAFETÁ, 1994, p. 480)

Sendo assim, a vertente ideológica acentua-se sobremaneira nas obras produzidas durante a década de 1930⁴, articulada às transformações presentes no cenário político e econômico do país. Com a ascensão de Getúlio Vargas ao poder, após a crise que culmina no fim da política do café-com-leite, projeta-se uma nova forma de acumulação de capital, segundo Francisco de Oliveira (2003), que situa suas bases não mais na política agrário-exportadora, vigente outrora. Há, assim, uma nova configuração urbano-industrial que terá papel catalisador na passagem do enfoque rural para o urbano. Nesse contexto, o ambiente citadino brasileiro se transfigura através de um grande aumento do fluxo de trabalhadores, notável já desde o início da década de 1930, cujo crescimento acelerado resulta em novas organizações. Em Porto Alegre, cidade que ambienta a narrativa

² "Os ratos é um romance social por excelência. Nem poderia ser de outra forma. Na época (1935), a ação intelectual dos escritores honestos desloca-se, insensivelmente, para o plano social, atuando em função revolucionária, na luta pela abolição definitiva da escravatura moderna." (MACHADO, 1995, p. 27).

³ "O que os caracteriza, todavia, é a superação do otimismo patriótico e a adoção de um tipo de pessimismo diferente do que ocorria na ficção naturalista. Enquanto este focalizava o homem pobre como elemento refratário do progresso, eles desvendam a situação em sua complexidade, voltando-se contra as classes dominantes e vendo na degradação do homem uma consequência da espoliação econômica, não do seu *destino* individual." (CANDIDO, 2011a, p. 193).

⁴ "Como decorrência do movimento revolucionário e das suas causas, [...] houve nos anos de 1930 uma espécie de convívio íntimo entre a literatura e as ideologias políticas e religiosas" (CANDIDO, 2011b, p. 227).

de *Os ratos*, há um crescimento populacional extraordinário entre 1890 e 1940⁵. Na dinâmica urbana dos tempos industriais modernos, ditados pela cultura do taylorismo-fordismo, o homem deve rapidamente se adaptar à nova estrutura social e tornar-se elemento partícipe dela.

A figura de Naziazeno Barbosa traz para o primeiro plano da narrativa essa nova realidade, com a qual não intui fácil adaptação. Naziazeno desvela algumas facetas do novo trabalhador cidadão, que sofre um processo de alienação (ante à complexidade de sua condição) e de esmagamento (ante às possibilidades de superação de sua condição). Colaborando para o estabelecimento desses processos se faz a presença persecutória do tempo (que tem), cuja imagem se mistura com a do dinheiro (que deve) ao longo da narrativa.

[...] pouco mais de oito horas (MACHADO, 2010, p. 21).

(Já luta há meio dia!). (ibid., p. 48)

As horas vão passando; já são quase duas e meia *naquele* relógio (ibid., p. 70).

Não é que o sol já haja entrado; lá ainda está **aquela moeda** em brasa, a dois palmos acima do horizonte, mas por tal forma envolvida na “evaporação”, que a sua luz já desapareceu de todo. (ibid., p. 89)

Não obstante, sintomas desses processos vão se identificando com algumas atitudes que se tornam suas características mais latentes e expõem a cisão entre esse homem e o mundo em seu entorno. Através ora do discurso do narrador próximo a Naziazeno, ora dos diálogos que surgem ao longo do romance, aparecem novos elementos que também respaldarão o caráter persecutório presente. Um deles, evidenciado desde o início do romance, é uma espécie de espectro de inferioridade que abunda sempre quando comparado ao outro. Tal espectro cresce através das diversas personagens que o rodeiam: o Fraga (“Dá a impressão, o Fraga, de ter uma vida bem arrumada”, ibid. p. 8); o amanuense da prefeitura (“Com efeito, o amanuense da Prefeitura é madrugador, tem galos, todas as exterioridades dum sujeito ordenado como o Fraga”, ibid., p. 10); com o Diretor seu chefe na repartição; o Duque (“Sim: o Duque, por exemplo, um batalhador.

⁵ "De fato, houve um grande aumento da população. Porto Alegre, que em 1890 tinha cerca de 50 mil habitantes, na década de 1940 apresentava 275 mil habitantes. Esse rápido incremento de população acarretou uma série de problemas urbanos [...]” (LEMOS, 2009, p. 33).

Tem a experiência... da miséria”, *ibid.*, p. 20); com Alcides (“É mais um fracasso a desmoralizá-lo com aqueles lutadores.”, *ibid.*, p. 46); com sua esposa (“Não poderá ‘discutir’ com a mulher, exigir respeito, depois do que lhe sucedeu; seria único”, *ibid.*, p. 48); com Andrade (“Ele não pensa na ‘empresa’ propriamente: pensa no Andrade; vê a sua figura robusta, azafamada, decidida de patrão”, *ibid.*, p. 51), que lhe lembra Gonçalves etc. Esse espectro, assim como o tempo, também o persegue por toda a narrativa, aportando Naziazeno num lugar inferior aos outros.

Mesmo quando se pretende assinalar uma relativa inferioridade no outro, sua posição não ascende. Na passagem “É só na carroça que o padeiro, que o leiteiro fazem os valentes, esbravejando, açoitando o burro” (*ibid.*, p. 11), é possível acompanhar uma equiparação degradante: se o leiteiro só esbraveja com o burro, o que dizer dos gritos lançados a Naziazeno na discussão da manhã? Mesmo quando próximo de homens cujas condições de sobrevivência equivalem à sua, Naziazeno ainda assim resigna-se ao espectro que o persegue observando aos outros como lutadores, batalhadores, e a si como fracassado.

A impressão do fracasso se desdobra, ao longo do romance, num estado de hesitação que também irá caracterizar e restringir toda a sua ação, eclodindo numa constante indecisão. Naziazeno nunca se assegura de que está fazendo a escolha certa e, indeciso, sua predisposição à ação sofre uma variável de um extremo de positividade (que aponta para a libertação) a outro de negatividade (que aponta para o fracasso). Com o passar da narrativa (do tempo de vinte e quatro horas que lhe é dado), tal indecisão adquire significativa consistência, e podemos observar um sujeito que, acuado e sem poder de decisão, percorre sempre um caminho entre o sim e o não que o faz permanecer imóvel, como podemos notar nos fragmentos:

Tem uma decisão!

O Banco é logo dobrando a rua Sete; está certo que o Alcides vai aprovar. Vai mesmo louvar essa resolução – a sua *iniciativa*.

A coisa não é de perder tempo. Foi ao Andrade; não era com ele, é com o Mister Rees, logo... Sente que é uma *violência* ao seu temperamento... Está aprendendo a ser “despachado”, dinâmico. Alcides vai aprovar... (MACHADO, 2010, p. 61)

Mas suspende-se! O que é que está fazendo? Terá mesmo o direito de cobrar – cobrar! – do Mister Rees? Alcides nem lhe falou nele... Poderá confiar cegamente no Andrade?... Está cometendo um erro – um erro! – Um calor invade-lhe a cara e o couro cabeludo. (ibid., p. 62)

A confiança outra vez! Aquela trepidação em que subitamente se encontrou essa manhã ao descer do bonde na praça Quinze... (ibid., p. 63)

Ele, porém, é capaz de fazer-lhe “uma cara”, de dizer-lhe mesmo qualquer coisa.... É melhor desistir .(ibid., p. 69)

A imobilidade também caracteriza, em outra instância, o que não é ação, mas pensamento – apresentado através do fluxo de consciência – em Naziazeno. E assim o narrador, que o admite como foco narrativo e dele se aproxima com o discurso indireto livre, assinala para isso com o uso recorrente das reticências. Em Naziazeno, o pensamento não flui e não se completa, sendo entrecortado por espaços de silenciamento marcados textualmente principalmente pelas reticências e moldados pela tensão entre o passar do tempo e a necessidade das cifras. Tal fluxo de consciência intermediado pela imobilidade permite ao protagonista ver apenas o que lhe é mais emergente / urgente. A visão restrin-gida pelas atuações acachapantes do tempo e do dinheiro constrói como sua libertação a solução daquilo que é o imediato, sem, no entanto, dimensionar a problemática indissolúvel de sua condição de existência.

Além disso, a esse pensamento incompleto caracterizado no fluxo de consci-ência, acresce-se o ponto de vista do foco narrativo, cuja perspectiva resplande-ce de um olhar de baixo para cima. O espectro de inferioridade, outrora mencio-nado, corrobora definitivamente essa visão e, na estruturação do ponto de vista, Naziazeno Barbosa, que olha de baixo, parece adquirir um tamanho diminuto, lembrando a estatura de um rato. Entretanto, embora essa estruturação venha sendo construída desde o início da narrativa, é a partir da metade do romance, quando finalmente encontra o Duque, e quando seu tempo é escasso e o di-nheiro inexistente (momento, portanto, em que o ser encurralado tem cada vez mais dificuldade em perspectivar uma saída), que a figura do rato abrolha mais significativamente na narrativa. Se na primeira metade do romance, “Naziaze-no ‘vê-se’ no meio da sala, atônito, sozinho, olhando para os lados, para todos

aqueles fugitivos, que se esgueiram, que se somem com pés de ratos” (ibid., p. 41), a partir da segunda metade, concentrado em um aspecto físico específico, o focinho, a figura do rato parece tomar forma nele próprio e em Duque. Ainda assim, é notável que quando o focinho é de Naziazeno a imagem que se constrói assinala certo rebaixamento, daquele que aquiesce com humildade, na contra-mão da visão que se faz do Duque, cujo focinho sereno ou concentrado, neutro ou manso, caminha sempre com determinação. A conotação dada à sua perspectiva inferiorizada aponta para a sua impossibilidade de resolver o problema.

A seu lado, Naziazeno ergue-lhe um focinho humilde. Vai fazendo gestos de aquiescência com a cabeça. (MACHADO, 2010, p. 102)

Mas na mesma ocasião o seu ar de pobreza, aquele focinho quieto e manso que vem ali a seu lado, tirando-lhe qualquer ilusão. Um frio e um amargo sobem-lhe pelas vísceras acima... (ibid., p. 104)

Ele caminha ali a seu lado, passando-o mesmo um pouco. Seu focinho perdeu aquela expressão neutra e mansa: um ar de concentração – de decisão – o envolve como que de uma chama morna... Seu olhar agora é quente e brilhante. (ibid., p. 108)

Duque caminha um meio passo na frente. Vai puxando... Baixou o focinho, recolheu-o um pouco... Naziazeno não tira o olhar da cara dele. Um raio de luz lateral incide num de seus olhos, no que fica do seu lado, e ilumina-o de uma luz branca estranha. (ibid., p. 123)

Caminham numa cadência... numa cadência... Parece que não pisam. Só enxerga o perfil do Duque, um perfil trigueiro, de focinho fino, um pouco caído... Tudo vai se confundindo... À sua frente, ele só percebe uma atmosfera esbranquiçada onde já aparecem coisas e formas vagas... que não pode fixar e distinguir... (ibid., p. 159)

O seu focinho é sereno. O dorso meio curvo, um tanto baixo... (sobre Duque) (ibid., p. 164)

A impossibilidade da resolução se acomoda também numa espécie de estranheza configurada entre o protagonista e o seu presente. Além dos pensamentos que não se completam, há uma forma de negação do presente que se condensa na narrativa numa temporalidade que vai e vem, proposta pelas lembranças e projeções de Naziazeno. Alternando o *flash back* entre a época de criança, principalmente, e projeções futuras, nas quais o problema estaria resolvido, o homem aloca seu problema no passado, numa infância marcada por dificuldades, e sua resolução no futuro, em que, em um passe mágico (sem, portanto, dimensionar uma resolução concreta), o dinheiro surge e seu problema é resolvido. Dessa maneira, exime-se do presente, numa organização interna que tende a subtrair o momento temporal que o comprime. A temporalidade assim acionada por Naziazeno enfraquece sua capacidade de problematização de sua condição, orquestrada ao longo da (sua) história, o que faz com que Naziazeno interprete sua dificuldade em pagar o leiteiro como “ponto único” de sua problemática, escapando de uma elaboração mais complexa de sua condição social, esta indissolúvel para homens como ele no cenário urbano configurado por enormes discrepâncias. Ainda a luzinha que Naziazeno vê no cais e que insiste em lhe acompanhar ao longo da narrativa, em momentos específicos, alude também para um ponto de fuga de sua compressão, precipitando-lhe para um lugar outro. No entanto, nenhuma dessas chaves escapistas das dificuldades do presente aliviam a amargura, a solidão e o “chumbo no peito” que, fisicamente, transfiguram-se numa constante náusea, misturando-se e se confundindo com a sensação da fome – questão básica do homem que deve ao leiteiro.

E pela segunda vez, nessa manhã, a impressão da solidão, do abandono. (MACHADO, 2010, p. 40)

A sua tristeza tem sempre esse rebato no estômago e no peito: sente dentro de si um oco dolorido, ao mesmo tempo que as feições se lhe repuxam... E pela segunda vez, nessa manhã, a impressão da solidão, do abandono... (ibid., p. 40)

Uma inspiração de ar, longa e meio doída, levanta-lhe com dificuldade o peito de chumbo. (ibid., p. 48)

(...) aquele leite não lhe “sentou”, está numa ânsia de vômito. (ibid., p. 103).

Em paralelo à náusea angustiante, seguem as manifestações de derrotas de Naziazeno, que busca um momento de repouso que acolha todo o seu desânimo, já bastante reincidente em diversas passagens, principalmente depois que volta a ser perseguido pelo tempo: “Mas deve ser tarde: está *lutando* já há muitas horas. O dia continuou... O dia não parou” (ibid., p. 79). Por fim, sua “descompressão”, resolução do “ponto único”, dá-se numa situação que, além de não lhe tirar da atual condição econômica em que se encontra, ainda lhe excede os dividendos. Talvez por isso, ainda que tenha em mãos os 53 mil réis que lhe salda a dívida, o homem não tem o almejado descanso – durante a tentativa de dormir, após deixar o dinheiro do leiteiro próximo à panela do leite, sofre de uma insônia com lampejos de alucinação, imaginando os ratos (como ele, como os outros?) se alimentando (roendo) do dinheiro.

Conforme nos é apresentado durante essa narrativa, o homem torna-se um ser acuado entre o tempo e o dinheiro, e ambos tornam a sua existência precária. Perseguido assim pela interligação dessas duas instâncias, assume sua pequenez (ou a pequenez de um rato) individual num universo que, além de não acomodar, rebaixa. Naziazeno, diminuto, subtrai-se no presente subtraindo o presente, sem mensurar a complexidade de seu problema, que desponta, dessa maneira, bastante além de sua possibilidade de visão. Alienado em sua condição, esmagado em suas possibilidades, parece trazer para foco da narrativa uma dinâmica social bastante vigente naquele momento do país, quando homens ocupavam o “promissor” espaço urbano.

Dessa nova realidade histórica brasileira, insurgem os pobres homens que serão os representantes da história dos excluídos, cuja percepção e possibilidade de ação é esvaziada por uma visão limitada pela necessidade imediata. Naziazeno olha assim para o que lhe é urgente (conseguir em 24 horas o dinheiro do leiteiro), e a dimensão desse seu problema é definida pela estreiteza de sua possibilidade de ação, enquanto o narrador apresenta-nos uma dinâmica entre o tempo e o dinheiro que o persegue, acua e o transforma num ser pequeno. Apequenado diante no novo quadro citadino, que ainda lhe é estranho, o homem vive a individualização proposta nessa nova estrutura social como solidão e angústia. Articulando e estruturando o texto dessa maneira, Dyonélio apresenta em sua literatura a preocupação da intelectualidade brasileira daquele momento com a realidade do país, a visão de país novo ia sendo substituída pela consciência do subdesenvolvimento.

No contexto urbano, a condição de subsistência do homem trabalhador, articulada pelo tempo citadino acelerado na produção de mais valia, é aterradora. Enquanto a cidade cresce ao seu redor, ele diminui de acordo com a imobilidade e o esmagamento a que está condicionado, submetido às novas estruturas voltadas para atender aos velhos interesses do capital. Nessa “nova” ordem, parece bastante emblemática a figura deste homem rato que, na contramão do que a política getulista apregoava, intui a continuidade de seu lugar na história dos excluídos. Ao final, o narrador mostra ao leitor, já bastante ciente de que a solução do problema de Naziazeno não está no dinheiro conseguido graças à ajuda de Duque e Alcides, o sujeito vencido finalmente pelo cansaço (da luta que travou por sua subsistência). “E ele dorme”.

Referências

- CANDIDO, Antonio. Literatura e subdesenvolvimento. In: *A educação pela noite*. Rio de Janeiro: Ouro sobre azul, 2011a, p. 169-196.
- _____. A Revolução de 30 e a cultura. In: *A educação pela noite*. Rio de Janeiro: Ouro sobre azul, 2011b, p. 219-240.
- LAFETÁ, João Luís. O modernismo 70 anos depois. In: MEIHY, José Carlos Sebe Bom; ARAGÃO, Maria Lucia Poggi (Org.). *América: ficção e utopia*. São Paulo: Edusp; Rio de Janeiro: Expressão e Cultura, 1994, p. 473-485.
- LEMOS, Marília Roenneau. *O urbanismo em Porto Alegre no jornal Correio do Povo, durante o Estado Novo*. Dissertação (Mestrado). Porto Alegre, UFRS, 2009.
- MACHADO, Dyonélio. *O cheiro de coisa viva*. Rio de Janeiro: Graphia Editorial, 1995.
- _____. *Os ratos*. São Paulo: Editora Planeta do Brasil, 2010.
- MOURA, Murilo Marcondes de. O círculo da necessidade (apontamentos para leitura de *Os ratos*). *Ficções*, ano 2, n. 3, Rio de Janeiro, jan. / jun., 1999, p. 94-106
- OLIVEIRA, Francisco. O desenvolvimento capitalista pós-anos 1930 e o processo de acumulação. In: *Crítica à razão dualista: o ornitorrinco*. São Paulo: Boitempo, 2003, p. 35-60.